

ANTÔNIO ANDRESEN GUIMARÃES

Cypriano Joseph da Rocha

Relato de uma vida
entre Portugal e o Brasil
na “Idade do Ouro”

KRAUSS
editora

Cypriano Joseph da Rocha

Relato de uma vida
entre Portugal e o Brasil
na “Idade do Ouro”

ANTÓNIO ANDRESEN GUIMARÃES

Cypriano Joseph da Rocha

Relato de uma vida
entre Portugal e o Brasil
na “Idade do Ouro”

KRAUSS
editora

Copyright de texto © António Andresen Guimarães

Copyright © Krauss Editora, 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra, protegida por copyright, pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de alguma forma ou por algum meio, seja eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia ou gravação, ou por qualquer outro sistema de informação, sem prévia autorização por escrito da editora.

Autor: António Andresen Guimarães

Preparação: Luciana Garcia

Diagramação: Linea Editora

Revisão: Eliel S. Cunha

Capa: Ana Dobón

1ª edição em dezembro de 2019

Impresso em 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guimarães, António Andresen

Cypriano Joseph da Rocha : relato de uma vida entre Portugal e o Brasil na "Idade do Ouro"
/ António Andresen Guimarães. – Campinas, SP : Krauss Editora, 2024.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86402-42-1

1. Brasil - Período colonial - História 2. Juízes - Biografia 3. Portugal - Brasil I. Título.

24-219099

CDU-347.962(092)

Índice para catálogo sistemático:

1. Magistrados : Biografia 347.962(092)

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Direitos reservados para todo o território nacional à Krauss Editora

Rua Jorge Palmerio Pereira, 71

CEP 37.701-298 – Poços de Caldas / MG

E-mail: contato@krausseditora.com.br

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Reis, vice-reis e governadores.....	17
Cronologia.....	19
Mapas	21
I. PARTIDA DE LISBOA RUMO AO BRASIL.....	25
II. PONTE DA BARCA, TERRA NATAL.....	31
Estudos em Coimbra.....	36
Casamento e descendência.....	37
Os padrinhos.....	39
Juiz de fora em Ponte de Lima.....	43
Em busca de nova mercê.....	51
III. A VIAGEM E A CHEGADA.....	57
Enjoos.....	57
Passagem do equador.....	59
Visitas protocolares.....	61
Impressões da Baía.....	63

IV. BAÍA (1728 A 1732): JUIZ DOS ÓRFÃOS.....	67
Bons ares, boas águas, boas laranjas e limões.....	67
Desapiedada ausência.....	69
Prestar contas.....	72
Fruta com feitiço de chifre de cabra.....	75
Amigos da Barca.....	78
José Araújo da Rocha.....	80
Manuel Nunes Viana.....	83
As frotas e as cartas.....	87
Salsichões e lampreias.....	91
As doenças e como se curavam.....	93
Escravos e castigos corporais.....	98
A educação dos filhos.....	100
Diogo doente.....	103
A perda do periquito.....	107
V. SERGIPE DEL-REI (1732-1733): OUVIDOR-GERAL.....	111
Renúncia do ouvidor.....	111
Seminário de Belém.....	113
A capitania de Sergipe.....	115
Criação da Vila Nova.....	117
VI. SÃO JOÃO DEL-REI (1733-1741): OUVIDOR-GERAL DA COMARCA DE RIO DAS MORTES.....	121
Viagem para Rio das Mortes.....	121
Rio de Janeiro.....	124
Vila Rica de Ouro Preto.....	126
Martinho de Mendonça.....	129
Ribeirão do Carmo.....	135
Juízes de fora, juízes dos órfãos, provedores das fazendas dos defuntos e ausentes, capelas e resíduos, ouvidores.....	139
Carta para o filho Diogo.....	143
Morte de Diogo.....	148

VII. SÃO JOÃO DEL-REI: OUVIDOR-GERAL DA COMARCA DE RIO DAS MORTES (CONT.)	153
De Cypriano para Martinho de Mendonça	153
Criminalidade.....	161
Colônia de Sacramento.....	168
Cadeias	172
... ponte e caminho	176
A jornada de descobrimento: preparativos	185
A reclamação de crédito por Inácia Pereira.....	194
Cypriano adia a partida.....	198
A caminho do descobrimento, finalmente.....	202
Arraial de São Cipriano	206
Carta para D. João V.....	218
VIII. OUVIDOR-GERAL DA COMARCA DE RIO DAS MORTES. OS ÚLTIMOS ANOS	223
Os Santos Pretos	225
A educação dos filhos em Coimbra	228
O casamento da filha.....	236
Padrinho.....	241
Maria Luísa, vítima de acusações injuriosas	242
A sindicatura.....	248
A beca e o regresso	251
IX. REGRESSO AO REINO	259
Em Lisboa, tolhido de frio	259
Desacertos da Corte	262
Flato melancólico e visitas, antes de regressar a casa.....	263
Epílogo	267
Apêndice	275
Bibliografia.....	279
Índice da proveniência das ilustrações.....	285

INTRODUÇÃO

O nome de Cypriano Joseph da Rocha¹ não figura em nenhuma enciclopédia, muito menos em qualquer compêndio de História. Segundo os critérios de uma história tradicional, não foi estadista célebre ou militar que mereça ser recordado pelos seus feitos heroicos; não deixou obra literária, nem fez qualquer descoberta científica que preserve o seu nome. Não se lhe conhecem qualidades excepcionais que justificassem que o seu nome ficasse gravado na História. No entanto, o nome de Cypriano Joseph da Rocha, cuja biografia aqui ensaiamos, sobreviveu à passagem do tempo, num círculo limitado de influência é certo, mas tal não significa que o conhecimento da sua vida não constitua motivo de interesse. Pelo contrário, como procurarei dar testemunho.

Quando comecei a interessar-me por esta personagem e fui fazendo as minhas pesquisas, surpreendi-me com as inúmeras vezes que o seu nome aparecia citado. Na atribuição de fundação de cidades, na sua toponímia, em diversos estudos sobre a história de Minas Gerais, etc., Cypriano Joseph

¹ Utilizaremos a grafia antiga do nome ao longo deste texto, tal como o próprio assina as suas cartas. Nas transcrições das suas cartas atualizamos a ortografia e a pontuação, tendo mantido a ortografia nos casos em que quisemos preservar alguns arcaísmos e patentear a variante minhota da sua escrita.

da Rocha constituía uma referência. Comecei a ler esses estudos e a ganhar interesse pela personagem. O fato de ser seu descendente direto me dava um impulso e interesse pessoal acrescido e motivação para investigar e aprofundar os conhecimentos e dados que ia recolhendo. E, sobretudo, por dispor de acesso privilegiado a fontes documentais diretas e inéditas, que permaneceram durante séculos preservadas na casa onde Cypriano viveu e morreu e que, por sucessão, pertence ao autor deste ensaio biográfico.

Essas fontes eram, em especial, mas não só, as cartas enviadas por Cypriano para sua mulher, para Ponte da Barca, em Portugal, cerca de quarenta, mas dessas sobretudo as quase três dezenas que ao longo da sua demorada estadia em terras da América portuguesa, entre 1728 e 1743, lhe escreveu, de lugares como Salvador, São João del-Rei, Rio de Janeiro, Ribeirão do Carmo e Rio das Mortes. Mas também a numerosa correspondência trocada no período anterior à partida para o Brasil, quando ocupou o cargo de juiz de fora em Ponte de Lima, e diversos outros documentos capazes de entreabrir a janela, mesmo que apenas uma estreita frincha, através da qual deitamos um olhar para o passado.

Fonte importante é ainda a correspondência oficial trocada por Cypriano com Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, enviado especial de D. João V à capitania de Minas Gerais e depois governador interino, correspondência essa existente na Torre do Tombo.

Não posso deixar de assinalar que o meu interesse saía reforçado quando Cypriano perguntava a sua mulher pelos seus campos, pelas suas vinhas, pela sua horta, porque eu sabia a que ele se referia, já que conheço esses campos, essas vinhas, essa horta. Ou quando menciona freguesias, como São Jorge, Sampriz ou Touvedo – ou lugares, como Quintela, Barral, Santa Rita, Carvalhal ou Cimo da Vila, que sei perfeitamente identificar. Por isso, estabelece-se uma relação muito próxima entre quem escreveu estas cartas há quase trezentos anos e o autor deste ensaio. É, aliás, curioso como os

I

PARTIDA DE LISBOA RUMO AO BRASIL

Os preparativos; a espera; os medos

Quarta-feira, 26 de maio de 1728. Cypriano Joseph da Rocha caminha em direção à Ribeira das Naus, percorrendo as íngremes ruas de Lisboa que desciam até ao rio, para embarcar na nau que o levará para Salvador da Baía. Chegara o dia da partida, por recado recebido de manhã cedo de um dos seus companheiros de viagem. As despedidas foram difíceis: vizinhos e pessoas que mal conhecia rodearam os viajantes assim que se soube da partida e desataram num pranto contagiante, “como se fora gente nossa parente”,³ que muito o emocionou e aos seus filhos que o acompanhariam nesta aventura além-fronteiras. Cypriano, dado também a emoções, conseguiu conter as lágrimas, “sem uma leve umidade”, reunindo as suas forças para se mostrar valente.

³ CARTA de Cipriano José da Rocha para D. Maria Luísa Cerqueira de Araújo de 12.10.1728 (Acervo Documental da Casa de Quintela).

O sol despontara havia poucas horas, mas já se adivinhava que seria um dia quente. A vestimenta que trazia, com a capa e volta que se usava em Lisboa, não ajudava nada, pelo contrário. Mas a sua posição exigia que assim trajasse. Enquanto caminhava em direção ao rio e à nau que o levaria para os Brasis, o seu pensamento era invadido por inquietações, “multiplicadas ânsias”, que tomaram posse dele desde que chegara a Lisboa e com o aproximar-se do dia da jornada. Os preparativos para a viagem tinham-lhe ocupado o pensamento: tinha de reunir as coisas de que precisaria para a longa travessia marítima e para a instalação na nova terra que o acolheria, a ele e aos filhos. A falta de recursos para fazer face a essas elevadas despesas constituía outra fonte de problemas.

“Cousas para os rapazes e também preparos de casa, como foi meia dúzia de colheres, garfos com cabo de prata” e “corenta galinhas a cruzado” para a viagem, não obstante estar previsto o capitão fornecer alimento para ele e sua família. Nas naus seguia grande número de animais domésticos, que serviriam de alimento durante a longa viagem, para além dos alimentos salgados, secos ou conservados segundo outro processo. Para pagar as elevadas despesas da viagem e do respetivo aparelho, Cypriano pediu dinheiro emprestado, cerca de duzentos e vinte mil réis, à usurária taxa de juro de vinte por cento, mas que, apesar disso, agradeceu. A passagem era cara e o respetivo custeio era da sua responsabilidade, já que o abono que lhe era disponibilizado era curto. Pediram-lhe trezentos e vinte mil réis pelo transporte, mas conseguiu comprar passagem por cento e oitenta mil réis. Veio a saber depois que se tratava de um navio mais velho, o que o fez quase reconsiderar, não fosse ter já pago, pelo medo que lhe incutiram.

Mas, por outro lado, as “multiplicadas ânsias” tinham ainda outra razão de ser: o seu estado de espírito era fustigado pelas saudades antecipadas. Ainda em Lisboa, já o sofrimento era insuportável: “já eu andava bem enjoado de saudades, trabalhos, cansaço, moléstias e imaginações; que se não fora a honra e o brio não sei o que seria; mas tu, meu bem, não fales

nisto, não digas nada, tanto por despeito dos praguentos e mal enclinados como por não descobrir fraqueza minha”, como confessou na longa carta que escreveu à sua mulher, Maria Luísa, pouco tempo depois de aportar a Salvador, dando conta da viagem e das primeiras impressões, e em que se demora a descrever hiperbolicamente as saudades que sente pela mulher desde que dela se apartou para partir em viagem.

Agora dirigia-se à nau para o embarque. Pensara que a viagem ficasse para depois do Corpo de Deus, embora na carta que escreveu à mulher em 22 de maio, ainda de Lisboa, lhe dissesse que esperava que a partida acontecesse: “de hoje a outo dias, sem dúvida e eu assim o presumo, enfim, dias mais ou menos, a partida brevemente há de ser porque todos os navios estão prontos”. Basta “mandar El-Rei que levantem as amarras” e os navios seguirão viagem. No fim da mesma carta, já depois de se despedir, confirmara à mulher, por informação entretanto recebida, que “se Deus quiser partimos esta semana que vem pela notícia que agora me chegou”. Faltava saber o dia certo, mas pelos vistos a ordem de partida chegara.

Apesar da angústia da partida e dos medos da viagem, a espera produzia enorme ansiedade, nele, mas sobretudo nos filhos, “desesperados por embarcar”. Tomás, que “vira sair uns navios Ingleses que iam para o Norte, pôs-se a chorar com saudades de não sair já”.

Havia já bastante tempo que se encontravam em Lisboa, pelo menos oito meses, à espera de estarem cumpridas as formalidades da sua nomeação e de navio para poderem partir rumo ao Brasil. As coisas não lhe tinham corrido bem, desde que partira de sua casa, pois perdera os seus papéis e “depois de muitas diligências sem aparecerem custaram-me um grande trabalho reformá-los, só Deus sabe as ânsias, as moléstias e as aflições que me custaram e a vida que tenho levado depois que parti dessa Casa”.

Tivera de aguardar pelo despacho com a ordem de partida, o que o impediu de seguir na frota de Pernambuco. Mas finalmente saiu o decreto

de el-rei ao Conselho Ultramarino para se passarem as ordens e darem-lhe “mantimentos para a embarcação, que ainda que são de pouca instância tudo é bom”. Estava já na posse dos passaportes⁴ passados pelo secretário de Estado, a ordenar a sua partida.

Antes de optar por contratar esta nau, certificara-se de que a mesma não faria a rota da Costa da Mina, porque não queria passar pelos perigos que aquele percurso acarretava. Decidira só embarcar em nau que seguisse diretamente para a Baía.

A nau já estava aprestada para sair havia algum tempo, mas só sairia depois de chegar a frota do Rio, o que finalmente acontecera. Daí a impaciência, sua e de seus filhos, ansiosos pela partida, não obstante os temores que a viagem despertava.

Queria fazer a viagem de verão, devido aos medos que tinha ao inverno, mas “se Deus tiver de me levar a Salvamento importa pouco seja verão ou inverno”, como escreve a sua mulher. Tinha motivos para temer a viagem, pois já experimentara os rigores dos mares, na jornada que fizera do Porto para Lisboa ano e meio atrás, como descrevera a sua mulher em carta de 21 de dezembro de 1726: “no Tejo passei, quando me recolhi, com uma bem grande tormenta que estava o mar embravecido com chuvas e ventos”.⁵

Os seus pertences – o *fato*,⁶ como lhe chama – já tinham sido embarcados no dia anterior, por isso estava em condições de partir viagem. Mandou os seus filhos ir andando à frente e foi despedir-se de um amigo, Francisco

⁴ D. João V reforçou as exigências de passaporte para os viajantes, sobretudo para o Brasil, com o intuito de controlar o fluxo migratório para aquela colônia, sobretudo com origem nas províncias nortenhas, mas com pouco sucesso (A. J. R. Russell-Wood, *O Império Português 1415-1808 – O Mundo em Movimento*, Lisboa, Clube do Autor, 2016, pág. 94).

⁵ CARTA de Cypriano Joseph da Rocha para D. Maria Luísa Cerqueira de Araújo de 21.12.1726 (Acervo Documental da Casa de Quintela).

⁶ O termo *fato* significava conjunto de haveres que se podem transportar, bagagem (*Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, José Pedro Machado, Lisboa, 1977).

Mendes, “aquele venerando velho que o mais certo era não o tornar a ver; reconhecendo que era meu amigo e que lhe devia tão grande amizade e favor, mercê e honra despedindo-se de mim enternecido com palavras de afeto, dizendo-me procedesse como Deus mandava e como de mim se esperava e não temesse nada em que ele fosse vivo; assim me vim descendo para a Ribeira das Naus”.⁷

Ali, com os filhos, subiu para um barco que os levou até à nau, ancorada não muito longe. Quando seguiam no barco, são do seu filho Tomás palavras comovedoras: “Adeus, Ribeira, adeus, Lisboa, que não sei quando te tornamos a ver”. Eram nove da manhã quando deram entrada na nau, onde foram recebidos pelo seu capitão, que os aguardava junto das escadas.

Seguiu-se um longo período de espera até a nau poder partir. Havia que aguardar pelo vento, mas o calor apertava: “a calma era horrenda e desabrida, a sede crudelíssima; bebi água que foi um desamparo”, até que, “pelas quatro da tarde, na baixa da maré, refrescou alguma coisa o ar e pôs a nau em tom de largar âncora”. Entretanto, os outros navios que também iam fazer a mesma viagem e a nau de guerra que os protegeria tinham partido no dia anterior para a “boca da barra” e já seguiam à frente, distantes uma légua, “andando à vela para saírem ao mar, porque lá tinham vento”. Nessa altura Cypriano receou que os outros navios seguissem viagem e a sua nau ficasse para trás, abortando a partida. Mas não, porque “quis Deus que o vento cresceu, desancorou a nau a soltar as velas, saiu a nau mais ligeira que um cavalo”.

Ao passar defronte da Igreja da Senhora da Bonança,⁸ a nau, que tinha essa invocação, saudou com salva de artilharia e “aqui começaram as saudades

⁷ CARTA de Cypriano Joseph da Rocha para D. Maria Luísa Cerqueira de Araújo de 12.10.1728 (Acervo Documental da Casa de Quintela).

⁸ Não encontramos notícia da existência desta Igreja da Senhora da Bonança, aventando a hipótese de ter sido destruída com o terramoto de 1755.

e lágrimas a desatar-se pelos olhos; nem haveria coração de pedra que se não partisse, todos nós postos de joelhos a bordo da nau pedindo e rezando em voz alta a Virgem Mãe de Deus nos livrasse dos perigos do mar”.

Quantos anos decorreriam até que Cypriano voltasse a ver Lisboa, o seu castelo, a Sé, o Terreiro do Paço, as colinas com os numerosos conventos? Se esse pensamento lhe ocorreu, certamente falharia na sua previsão, porque passariam muitos anos, bem mais do que então imaginaria, até voltar a pisar o solo de Lisboa.

Mas quem era Cypriano? O que o fizera embarcar para o Brasil, levando dois filhos consigo, dois jovens rapazes, deixando bem longe a mulher e mais quatro filhos?

Reverendo e amado alma Dama da vida de meu fado e
fado a meu bem a 26 de Novembro do anno quinto dia emy Euz
na embarcade G. a. M. de. Azoria distante tres leguas de meu
desta Cid. de guerra 10. Naveio do Porto e que Eu tive esta
noticia a outro dia quando fuzer as Cartas e bairrome meu
divinia nome de Quintella nome de Portuando e quando Car
a Condeza tu quel Eu fuzer bem de Verd. nas Conde
que morte que eu notie Comi Quim vna castigante
le bem que por outro G. fuzer ainda meus Confuzo vna de
Cartas que se despozei tinoras de Louredo e de U. a. para que dly
me mandares p. t. Eu ver e non Eu gellora fuzer non emi
rend nos p. do da Dama do Conde tambem tuve grande medo se
medicia torna a mandar fazer doly. mas foi sem fructo por
e y. f. l. e. p. t. e. Centro de doly e bairrome e meus q. que de
doly. por me decahor mas Cedra e Cid. avor se Eu gona
Cometeria milhor decahor dia de N. S. de fuzer e bairrome
teja p. t. sempre dia emy lide de queda aminda e gona de bairrome
e. de. fuzer vna mandado fuzer Com vna e grandeza e no
vnde decahor sempre grande dia de guerra e de M. de Cid.
ainda do Mar que de aminda e de bairrome fuzer Com Eu grande
eranda sobre o Mar, Comeca de pedirme Abacia de sem decahor
segura e Anna entregame sua Carta de Abacia e sua e decahor
tua dei sua moeda de ouro e M. de guerra e decahor no te

8. Carta de Cypriano Joseph da Rocha para a mulher,
de 10.06.1729 (Arquivo da Casa de Quintela)

34. Obelisco que celebra os 200 anos da fundação do Arraial de São Cipriano, na cidade de Campanha (fotografia do acervo pessoal da Prof.^a Betânia Guimarães)



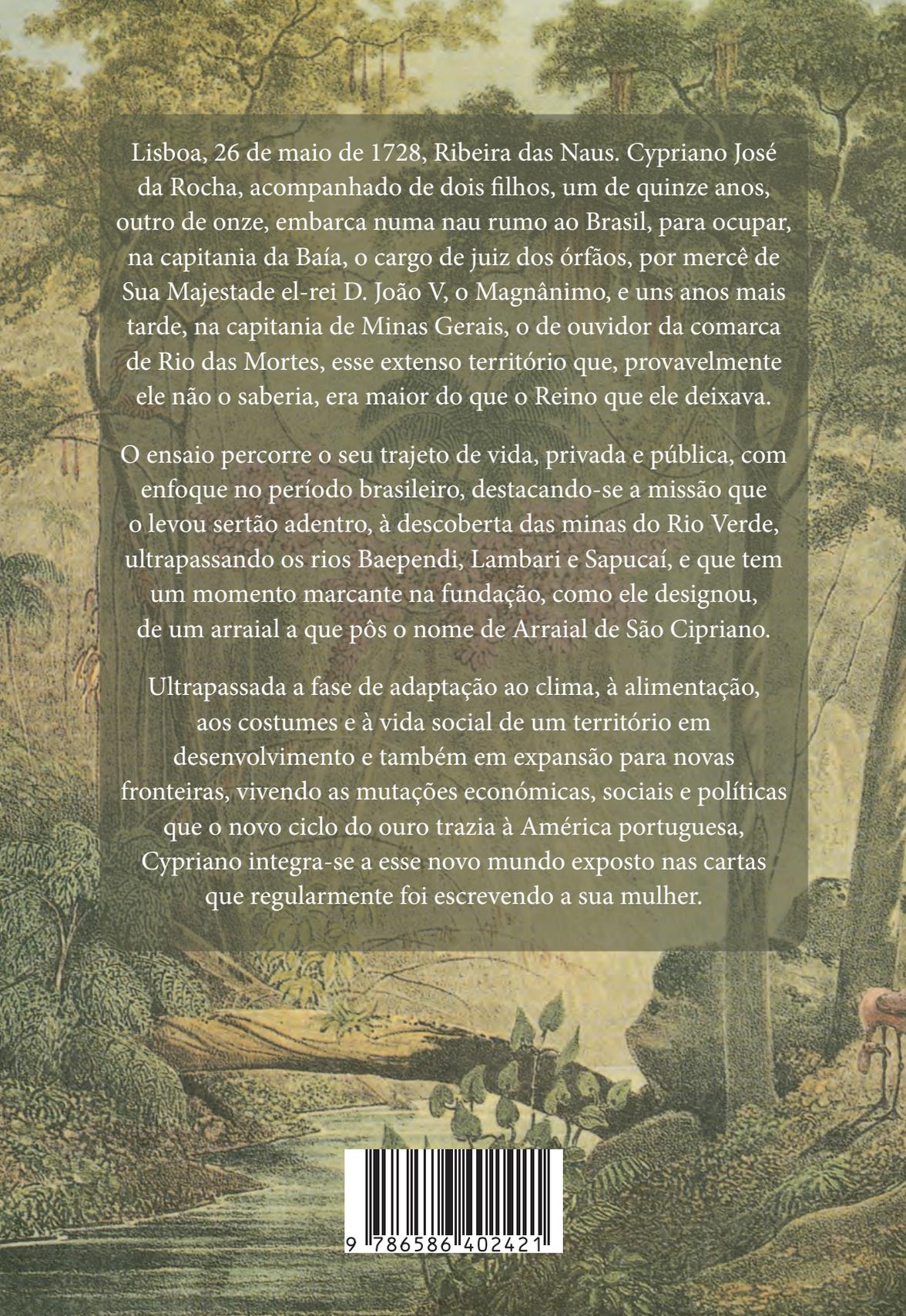
35. Placa no obelisco que celebra a fundação do Arraial de São Cipriano a 2 de outubro de 1737 inaugurado no bicentenário, sendo prefeito de Campanha o Dr. Manuel Alves Valladão (fotografia do acervo pessoal da Prof.^a Betânia Guimarães)



38. São João del-Rei (acervo do Prof. André Guilherme Dornelles Dangelo)



39. A casa mais antiga de São João del-Rei, de 1732, numa fotografia de 1940, entretanto demolida (acervo do Prof. André Dangelo)

The background of the page is a detailed illustration of a tropical forest. In the foreground, a river flows through a lush landscape with various plants and trees. A person is visible on the right side, riding a horse. The scene is set in a dense, green environment with tall trees and a bright sky.

Lisboa, 26 de maio de 1728, Ribeira das Naus. Cypriano José da Rocha, acompanhado de dois filhos, um de quinze anos, outro de onze, embarca numa nau rumo ao Brasil, para ocupar, na capitania da Baía, o cargo de juiz dos órfãos, por mercê de Sua Majestade el-rei D. João V, o Magnânimo, e uns anos mais tarde, na capitania de Minas Gerais, o de ouvidor da comarca de Rio das Mortes, esse extenso território que, provavelmente ele não o saberia, era maior do que o Reino que ele deixava.

O ensaio percorre o seu trajeto de vida, privada e pública, com enfoque no período brasileiro, destacando-se a missão que o levou sertão adentro, à descoberta das minas do Rio Verde, ultrapassando os rios Baependi, Lambari e Sapucaí, e que tem um momento marcante na fundação, como ele designou, de um arraial a que pôs o nome de Arraial de São Cipriano.

Ultrapassada a fase de adaptação ao clima, à alimentação, aos costumes e à vida social de um território em desenvolvimento e também em expansão para novas fronteiras, vivendo as mutações económicas, sociais e políticas que o novo ciclo do ouro trazia à América portuguesa, Cypriano integra-se a esse novo mundo exposto nas cartas que regularmente foi escrevendo a sua mulher.



9 786586 402421